

ONU : NOVA RONDA NEGOCIAL

As Nações Unidas tentam relançar o processo negocial para a resolução do conflito do Sahara Ocidental, contra as resistências oferecidas por Marrocos.

Em 1 de Dezembro o Secretario-geral das Nações Unidas, António Guterres, anunciou a nomeação do canadiano Colin Stewart como chefe da Missão das Nações Unidas para o Referendo no Sahara Ocidental (MINURSO), sucedendo a Kim Bolduc (também canadiana) que completou a sua missão em 22 de Novembro.

Nascido em 1961, Stewart é licenciado pela Universidade Laval, no Canadá. Foi diplomata pelo seu país de 1990 a 1997 e chefe de Gabinete da delegação das Nações Unidas para a União Africana em Adis Abeba. Ocupou vários postos



Fig. 1: Horst Köehler

em missões da ONU. De 1999 a 2004 participou sucessivamente na Missão das Nações Unidas em Timor Leste (UNAMET), na Administração de Transição das Nações Unidas em Timor Leste (UNTAET) e na Missão de Apoio das Nações Unidas em Timor Leste (UNMISSET). De 2004 a 2006 representou o Centro Carter na Cisjordânia, em Gaza e na República Democrática do Congo.

Em finais de Janeiro o diário marroquino *Ajbar al Yawm* noticiava que o novo Enviado Pessoal do SG da ONU para o Sahara Ocidental, Horst Köhler, queria iniciar uma nova ronda de «conversações directas» entre Marrocos e a Frente POLISARIO em Berlim.

Esta proposta de conversações directas - que não se realizam desde as rondas de Manhasset (na periferia de Nova Iorque) em 2008 - contou com o apoio total da POLISARIO embora, segundo aquele periódico, Marrocos se tenha mostrado «reticente».

Nos últimos anos, Marrocos tem adoptado, sem que isso seja oficial, uma postura em que nega à POLISARIO toda a legitimidade como interlocutora no conflito e tem recusado a mínima interacção, apesar da Frente POLISARIO continuar a ser considerada pela ONU como uma das partes protagonistas.

Entre as condições para aceitar o cargo, Köhler exigiu manter o seu lugar de residência em Berlim e não se mudar para Nova Iorque. Dentro desta lógica, marcou a reunião com a direcção da POLISARIO para a capital alemã.

A representação do movimento saharauí foi dirigida por Brahim Ghali, acompanhado por uma importante delegação de membros do Secretariado Nacional que incluiu Khatri Addouh, M'Hamed Khaddad e Fatma Elmehdi, respectivamente presidente do Conselho Nacional, coordenador junto da MINURSO e Secretária-geral da União Nacional de Mulheres Saharauís, e Mohamed Ali Zerouali.

O encontro inscreveu-se no quadro das consultas bilaterais que Köhler quer realizar com ambas as

partes do conflito, a Frente POLISARIO e o Reino de Marrocos, e com os países observadores, Argélia e Mauritânia. Estas consultas fazem parte da implementação das resoluções do Conselho de Segurança e dos esforços das Nações Unidas para a descolonização do Sahara Ocidental.

Em balanço de fim de ano, observadores chamaram a atenção para as dificuldades que a diplomacia marroquina continua a encontrar para influenciar a posição dos EUA sobre a questão saharauí, apesar do intenso lobby que tem promovido e das somas que tem investido em Washington.

Como exemplo é lembrado o revés diplomático sofrido por Rabat quando o Senado rejeitou, em Outubro passado, uma disposição do orçamento federal dos EUA para o ano de 2018, que autorizava Marrocos a gastar a assistência financeira norte-americana no Sahara Ocidental. Foi necessária a intervenção do Senado para impedir essa tentativa de inflectir aquela que tem sido uma posição oficial constante da administração dos EUA.

O Senado observou, no capítulo do orçamento sobre o financiamento das operações do Departamento de Estado no exterior, que «nada nesta lei deve ser interpretado como uma mudança na política dos Estados Unidos no Sahara Ocidental, que é encontrar uma solução pacífica, duradoura e mutuamente aceitável para o conflito». Rectificando a disposição da Câmara dos Representantes, o texto especifica que qualquer financiamento a conceder será gerido pela MINURSO em consulta com o Senado. Rabat já tinha sofrido um revés ao apostar na nomeação do universitário Peter Pham para chefe do Gabinete África do Departamento de Estado. Peter Pham, uma fonte habitual da agência de informação marroquina (MAP), conhecido também pela sua proximidade ao Palácio Real, era um dos pretendentes a este cargo político de importância para África. Mas a nomeação deste académico foi bloqueada pelo Senado após as objecções levantadas pelo senador de Oklahoma, James Inhofe, que argumentou que a posição de Pham sobre o assunto era «incompatível» com a qualidade de funcionário do Departamento de Estado, de acordo com revelações de altos funcionários dos EUA, noticiadas no verão passado pela Foreign Policy. O senador considerou que a administração americana deveria ter uma posição mais firme sobre o status do Sahara Ocidental.

A administração Trump acabou por nomear para o cargo Donald Yamamoto, um profundo conhecedor de África, de acordo com vários observadores em Washington. De resto, a posição americana não se alterou em relação à questão saharauí, apesar das múltiplas tentativas feitas por Marrocos.

Entretanto a Frente POLISARIO continuou a privilegiar na sua actividade diplomática o continente africano. Participou na 13.^a Reunião Ordinária de Chefes de Estado Maior de países da União Africana, realizada nos princípios de Janeiro em Adis Abeba, sendo a delegação saharauí presidida pelo membro do Secretariado Nacional e chefe da Quinta Região Militar, Taleb Ammi Deh. Foram abordados assuntos relativos à defesa, paz e segurança, e ainda os desafios actuais com que o continente se defronta, como os grupos terroristas e o crime organizado.



Fig. 2: Senado dos EUA: por uma solução «mutuamente aceitável»